

JORGE EIRÓ

1960, Belém do Pará, Brasil.

Vive e trabalha em Belém do Pará.

Artista visual, arquiteto, professor e pesquisador. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

FORMAÇÃO ACADÊMICA

- Doutorado em Educação — Universidade Federal do Pará (UFPA)
- Mestrado em Educação — Universidade Federal do Pará (UFPA)
- Graduação em Arquitetura e Urbanismo

ATUAÇÃO ACADÊMICA E INSTITUCIONAL

- Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA)
- Professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Artes Visuais
- Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura — UNAMA
- Programador Cultural do Museu da UFPA (1993–1995)
- Diretor Artístico-Cultural da Assembleia Paraense (2017–2020)
- Membro do Conselho Curador do Centro Cultural Brasil–Estados Unidos (CCBEU)
- Diretor do Atelier/Galeria Companhia de Jorge

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- **Linha do Horizonte** — Galeria Elf, Belém, 2014
- **Azulejaria da Companhia de Jorge** — Galeria Elf, Belém, 2010
- **Labirinto Líquido** — Museu do Estado do Pará, Belém, 2004
- **Cartografias** — Galeria do CCBEU, Belém, 2002
- **Exegese** — Galeria Theodoro Braga, Belém, 1996
- **Idade Mídia** — Galeria Theodoro Braga, Belém, 1994
- **Jorge Eiró** — Galeria Elf, Belém, 1990
- **Solo** — Galeria Morbach, Belém, 1990
- **Como vai você, Jorge Eiró?** — Galeria Elf, Belém, 1987

EXPOSIÇÕES COLETIVAS (SELEÇÃO)

- **Tanto Mar** — Lisboa, Portugal, 2019
- **Margens** — São Paulo, 2016
- **Trilhas** — Rio de Janeiro, 2012
- **Dentro/Fora** — São Paulo, 2002
- **Panorama da Arte Paraense** — Curitiba, 2001
- **Pará Hoje** — Belém e Brasília, 1996
- **Painel da Arte Contemporânea Brasileira** — São Paulo, 1994
- **Graphos** — Brasília, 1993
- **Art in Paradise** — Miami e Washington, Estados Unidos, 1992
- **Salão Nacional de Arte** — Rio de Janeiro, 1985
- **Salão Arte-Pará** — Belém

PRÊMIOS, BOLSAS E DISTINÇÕES

- 1º Prêmio Literário Secult — livro de poemas *Quintais do Tempo*, 1989
- Bolsa de Pesquisa em Criação e Experimentação Artística — Instituto de Artes do Pará, 2004
 - Desenvolvimento da vídeo-instalação *Labirinto Líquido*
- Prêmio pelo Edital de Cultura do Banco da Amazônia, 2006
 - Publicação do livro *Escritura Exposta*

COMISSÕES, CURADORIAS E PARTICIPAÇÕES INSTITUCIONAIS

- Integrante da Comissão Executiva do Salão Paraense de Arte Contemporânea (1992–1994)

PUBLICAÇÕES

- *Escritura Exposta* — 2006

Ensaios e artigos sobre arte contemporânea paraense

- *Quintais do Tempo* — 1989

Livro de poemas

SOBRE O ARTISTA

No catálogo do I Salão Arte-Pará, o poeta Paes Loureiro (que havia integrado o júri) destacava no texto de apresentação o trabalho: “Esta é uma exposição que poderíamos dizer artisticamente equilibrada. Não há fortes rupturas com o gosto estabelecido, com o gosto artístico dominante. (...) Há alguns ‘primitivos’, poucos. **Experimental, somente um: ‘Novas Poesias em Quadrinhos’ que segue mais uma vertente da poesia práxis na pintura”.**

(João de Jesus Paes Loureiro, 1982)

As obras de Jorge Eiró são como palavras pintadas de revelações acumuladas do artista, recriadas como uma espécie de arqueologia da alma e do sentimento. Uma espécie de “portrait d’acteur”, portanto, para quem a arte é gostar das coisas do mundo, mesmo irrelevantes ou insignificantes, e, como um multiprocessador de imagens, inová-las e devolvê-las à sociedade.

(“Como vai você, Jorge Eiró?” – Gileno Müller Chaves, 1987)

Jorge Eiró, dono da patente de um grafismo inconfundível e singelo transmite por seu gestual seu lado poético na “construção dos espaços inexistentes na dimensão do nada...”: imagens poetizadas x palavras plásticas.

(Rosana Bitar, 1993)

Eiró busca variar sempre os elementos com os quais trabalha. Isto é fruto de leitura e preparo, que não deixa nunca de procurar. Atento à sociedade, como ao mundo de uma maneira geral, sai à caça desses elementos com argúcia, o que dista sua obra da maioria dos outros pintores, não que não sejam esses argutos, mas porque traduz essa argúcia através de ironia, metáfora e coragem.

(Cláudio La Rocque, 1995)

O que poderia ser uma pintura clássica de gênero: a paisagem, Jorge Eiró subverte os cânones, e pela ironia, dota-a de novo conceito, no qual se sobressai a solidão contemporânea, as paisagens subjetivas, constitutivas do jogo estabelecido por quem, apaixonado pela pintura, deixa-se tramar pela fotografia, literatura. Para Eiró, as paisagens demarcadas pela linha do horizonte, emergem da imensidão amazônica: “Daí uma certa predileção pela linha do riomar, pela perspectiva de margens que se perdem no infinito”.

(“Margens” – Marisa Mokarzel, 2016)